

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

LUCIANA DA ROSA VAZ

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA LITERATURA INFANTIL

PORTO ALEGRE

2015

LUCIANA DA ROSA VAZ

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA LITERATURA INFANTIL

Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Letras com habilitação para língua portuguesa e suas literaturas e língua espanhola e suas literaturas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

ORIENTADORA: PROF. DR. REGINA ZILBERMAN

PORTO ALEGRE
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos Orixás! Por, diante de todas as circunstâncias, ter conseguido me apropriar do conhecimento teórico necessário para expressar em signos, aquilo que vivenciei, tão sensorial e emotivamente, através das leituras que realizei para produzir este trabalho.

Agradeço a esta universidade por me proporcionar esta interação com a cultura do outro. Foi a partir do início da minha vida acadêmica e das inúmeras leituras que fiz que pude compreender muito de minha própria essência como mulher, como negra, e da periferia. As barreiras que rompi são poucas, mas em minha vida são enormes, pois se romperam minhas próprias amarras culturais, que foram se depositando em minhas entranhas ao longo de minha vivência. Mas foi, sobretudo, pelas experiências que troquei com tantas outras pessoas, tão diferentes e tão iguais a mim, que percebi quem sou, de onde venho e minha história.

Agradeço minha orientadora, que teve paciência, muita paciência, e ajudou a amadurecer este processo de produção, me acolhendo e me conduzindo quase pelas mãos. O direcionamento pelo qual ela me conduziu me mostrou mais de mim mesma do que eu própria poderia enxergar. O cerne do trabalho acabou enlaçando-se muito comigo, por mais que eu tentasse me distanciar, e, ao construí-lo, facetas passadas, facetas em andamento, facetas possíveis, iam se revelando em minha vida. E cada ponto que revíamos juntas era mais revelador.

Agradeço aos professores da instituição; agradeço a meu pai, que, desde meu nascimento, me incentivou a ler e a conhecer os livros. Agradeço aos meus avós que supriram a ausência de minha mãe, me educaram; encaminharam-me na vida; colaboraram para esse momento, cuidando do meu pequeno para eu estudar. Lembro-me do primeiro livro meu que ganhei de meu avô, *Capitães da areia*, lembro-me da conversa que minha avó teve comigo ao fim do segundo grau. Ela disse: Luciana até aqui eu pude manter teus estudos, agora tu tem que trabalhar. Não foi fácil. Agradeço a impaciência de meu filho, Luciano, de três anos, que várias vezes me puxou pela mão, para que eu fosse brincar com ele.

Agradeço a todos que estiveram ao meu lado, me dando suporte para que eu pudesse cursar a licenciatura. Os amigos, os familiares, os compadres, os colegas de trabalho, as cuidadoras da escolinha...

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Tinha o tamanho certo para caber um lampião e o acendedor de lampiões... Quando acende o lampião, é como se fizesse nascer uma estrela a mais, uma flor a mais. Quando apaga o lampião, faz dormir a flor ou a estrela. É uma bela ocupação.

SAINT-EXUPÉRY, ANTOINE DE. (O PEQUENO PRÍNCIPE)

RESUMO

O trabalho apresentado tem por objetivo traçar o percurso étnico percorrido pela vanguarda da literatura infantil brasileira. Há, hoje, diversas obras que abordam a temática, mas, para esta pesquisa o recorte foi feito a partir das obras: *Nó na Garganta de Mirna Pinsky (1979)*; *Raul da ferrugem azul de Ana Maria Machado (1979)*; *Do outro lado tem segredos de Ana Maria Machado(1979)*. A formação da identidade foi observada a partir da visão feminina das personagens, algumas com a identidade construída e outras em construção. A perspectiva das autoras em relação à construção étnica também foi analisada.

Palavras-chave: Formação; Identidade; Literatura Infantil Brasileira; Etnia Negra e indígena.

RESUMEN

El objetivo del trabajo presentado es demarcar el curso étnico por donde ha marchado la vanguardia de la literatura infantil brasileña. Hay hoy, distintas obras que abarcan la temática, pero, para esta investigación el rasgo hecho se dio a partir de las obras: *Nó na garganta de Mirna Pinsky (1979)*; *Raul da ferrugem azul de Ana Maria Machado(1979)*; *Do outro lado tem segredos de Ana Maria Machado(1979)*. La formación de la identidad fue observada bajo la óptica femenina de los personajes, algunos con la identidad construida e otros en construcción. La perspectiva de las autoras con relación al constructo étnico también fue analizada.

Palabras-clave: Formación; Identidad; Literatura Infantil Brasileña; Etnia Negra e indígena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1- Literatura para crianças.....	11
CAPÍTULO 2 - ENGAJAMENTO DAS AUTORAS, BRANCAS, NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA VANGUARDA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA.....	13
2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE.....	13
2.2 REFERÊNCIAS ÉTNICAS.....	14
2.2.1 ANA MARIA MACHADO.....	15
2.2.2 MIRNA PINSKY.....	16
CAPÍTULO 3- A busca da identidade em <i>Nó na garganta</i> , de Mirna Pinsky.....	17
A BUSCA DA IDENTIDADE - O Cabelo.....	17
a. A BUSCA DA IDENTIDADE - condição econômica: alimentação.....	19
b. A BUSCA DA IDENTIDADE - condições sociais: lugares habitados.....	21
c. A BUSCA DA IDENTIDADE – escolarização.....	23
d. A BUSCA DA IDENTIDADE - O estigma racial.....	24
e. EMANCIPAÇÃO.....	26
CAPÍTULO 4- A construção da identidade em <i>Raul da ferrugem Azul</i> , de Ana Maria Machado.....	27
4.1 RAUL DA FERRUGEM AZUL – Enredo.....	27
4.2 TEMAS.....	29
a) O SILENCIAMENTO.....	29
b) A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE RAUL ATRAVÉS DO CONTATO COM ESTELA.....	30
3.3 O EFEITO DA LITERATURA INFANTIL NO PEQUENO LEITOR.....	33
CAPÍTULO 5 - As origens históricas da formação étnica no Brasil em <i>Do outro lado tem segredos</i> , de Ana Maria Machado.....	35
5.1 DO OUTRO LADO TEM SEGREDOS- Enredo.....	35
5.2 AS RAÍZES AFRICANAS.....	36
a. A MEMÓRIA.....	38
5.3 OS BÚZIOS, A ESTRELA DO MAR E AS CRENÇAS.....	38

5.4 A LÍNGUA E A DIVERSIDADE.....	40
5.5 CULTURA INDÍGENA.....	41
5.6 LEIS.....	42
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS.....	46

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo discorrer sobre as obras *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky, *Raul da ferrugem azul*, de Ana Maria Machado, e *Do outro lado tem segredos*, também de Ana Maria Machado. As autoras produzem em um período onde nasce uma vanguarda na literatura infantil brasileira, pois, todas as obras foram publicadas em 1979. O realismo que esta vanguarda introduz na obra infantil é levado ao grau máximo nas obras citadas. A identidade étnica, os sofrimentos impostos às minorias e o silenciamento, marca do período militar. Percorrem estes livros e trazem às crianças uma visão comprometida com a sociedade contemporânea. As obras retratam seu tempo e as mudanças nascedouras neste tempo.

A apresentação de *Nó na garganta*, neste trabalho, analisa a formação da identidade cultural da mulher negra, os enfrentamentos pelos quais a jovem passa, como o padrão estético no que se refere à cor da pele e ao cabelo negro, tido como ruim. A questão da moradia e alimentação também aparecem na análise e são abordadas dentro do contexto social brasileiro. Por fim o entendimento de si mesma e de sua subjetividade e a configuração da mulher sujeito marcam o fim da análise.

A apresentação de *Raul da ferrugem azul* está concentrada na retomada de voz, por parte dos jovens que foram criados no pós-ditadura. Esta análise visualiza as pequenas ações, que caracterizam a discriminação em diversas esferas, desde o menor que trabalha até o trabalhador informal. A negritude também é apontada na obra como motivo de preconceitos e desconfiança. Nesta obra a personagem de Raul retoma sua voz após o contato com as minorias conscientes.

Do outro lado tem segredos é um livro que segue a linha da identidade étnica, mas aqui a produção está voltada para a reconstrução de um passado histórico, com uma visão de historicidade e sem compromisso com a historiografia. Ana Maria Machado retoma através de narrativas de memória, as heranças africanas de antes, durante e depois da escravidão no Brasil. No mesmo livro a reconstrução histórica indígena também é abordada, considerando o antes e o depois da colonização. Não nos esqueçamos das leis¹ que incluem a educação negra e indígena nos currículos escolares, na área de humanas. Também foi levado em consideração o diferencial das autoras, que, sendo brancas, acabam trabalhando com um recorte étnico.

¹ 10.639 e 11.645.

Autores com Regina Zilberman e Décio Freitas e Darcy Ribeiro dão sustentação teórica a esta tentativa de encontrar na literatura infantil a referência étnica para as crianças do Brasil. Jovens negros e índios que não encontram seu reflexo no universo letrado. E a conclusão deste trabalho é de que a escola tem por dever iniciar este processo de inclusão verdadeira e paritária.

Uma breve apresentação das autoras das obras analisadas

Nascida na véspera do natal de 1941, Ana Maria Machado foi aluna do Museu de Arte Moderna. Chegou a iniciar a carreira de pintora, participando de diversas exposições. Mas, foi em Letras que se formou pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, após ter deixado o curso de geografia. Anos depois, na mesma universidade, lecionou no curso de Letras. Acabou deixando a pintura para se dedicar a literatura. Nos anos sessenta, foi exilada pelo regime militar, indo morar na Europa. Em Paris, trabalhou na revista *Elle*. E foi da Europa que foram enviados seus primeiros textos, publicados na revista *Recreio*. Fez doutorado em Linguística, orientada por Roland Barthes.

Voltando ao Brasil, Ana Maria abraçou seu projeto de escrever livros infantis. Ganhou o prêmio João de Barro pelo livro *História Meio ao Contrário* no ano de 1977. E em 1979, fundou a primeira livraria de livros infantis do Brasil, a Malasartes.

Em 1993, foi *hors concours* do prêmio da Fundação Nacional do Livro Juvenil. Nos anos 2000, ganhou o prêmio *Hans Christian Andersen*, o Nobel de Literatura Infantil Mundial. Em 2001, foi contemplada com o Prêmio Literário Nacional Machado de Assis, na categoria conjunto da obra. Hoje a autora tem mais de 100 livros publicados. Ana Maria Machado é membro eleito da Academia Brasileira de Letras. Já foi eleita presidente da Academia e é a primeira escritora de livros infantis a fazer parte da ABL.

Nascida em São Paulo em 1941. Diplomou-se em jornalismo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ela foi repórter e redatora em jornais e revistas como *Movimento*, *Cadernos de Opinião*, *Cadernos de Pesquisa* e *Argumento*. Como escritora, publicou seu primeiro livro em 1978, e hoje, tem mais de quarenta obras publicadas, tendo vendido mais de três milhões de exemplares. Foi premiada com um Jaboti em 1981, um INL em 1982, outro Jabuti em 1995 e um Prêmio ABL Melhor Infanto-Juvenil 2013. Sua

dedicação à leitura e a juventude foram canalizadas para a criação do projeto ESCREVA COMIGO. Que tem a finalidade de trabalhar o engajamento dos alunos de escolas públicas com a leitura e a escrita, visando à formação de sujeitos reflexivos e atuantes na sociedade. E, atualmente trabalha no Projeto LER COM PRAZER para alfabetização.

Pelas atividades que desenvolve e pelos temas de sua produção literária, Mirna mostra o quão é comprometida com a mudança da sociedade através das palavras, ela demonstra isso nas palavras que deixou para seus leitores, em *Nó na garganta*.

A palavra me fascina, - desde pequena, quando enfrentava galhardamente as concordâncias, surpreendendo minha mãe, professora. A leitura foi uma das primeiras paixões- de varar noites com Tom Sawyer nos braços. A magia foi tanta que antes dos dez quis cometer um (não deixe por menos) romance(!). (o Folego só deu para vinte magros capítulos...). (PINSKY, 1979)

1. A LITERATURA PARA CRIANÇAS

É muito recente a definição de infância no mundo ocidental. O conceito² que conhecemos data do período da Revolução Industrial e da consolidação do poder burguês. A nova classe que se estruturava necessitava de suportes para manter a ordem que se formava; entre guerras e disputas por espaço de trabalho, houve o cerceamento da criança, que foi retirada das fábricas e recolhida ao lar. Tratou-se de mimá-la e preservá-la nesse estado de fragilidade. Os pequenos passaram a ser vistos como incapazes de decidirem sobre suas vontades, a eles se ofereceram as cortesias da burguesia: brinquedos e histórias; em contrapartida, a autonomia da criança passou a ser propriedade do Estado e da família. E é aí que entra a Literatura Infantil.

A Literatura é uma arte que pertence à humanidade antes mesmo da linguagem estar organizada pelos sons. Histórias eram contadas por homens das cavernas, através de desenhos rupestres. Os sumérios e fenícios dominaram o código da escrita e, entre muitas áreas do saber dominadas, estava a Literatura. Gregos, helênicos, babilônicos e, logo depois, os romanos iniciam a construção do legado histórico que temos hoje, aos moldes aristotélicos.

A partir da Revolução Industrial, os românticos despontam, com ideais de amor puro e uma filosofia *carpe diem*. Jovens prometendo amor eterno suicidam-se aos embalos de *Os sofrimentos do jovem Werther*. Chega, então, o realismo no Velho Continente, tudo muda, pois cenários sociais, vozes operárias e tipos humildes nunca antes foram retratados, na literatura, como personagens centrais. Surgem minorias, estereotipadas na literatura, em todos os cantos da Europa e espalham-se pelo mundo literário ocidental. E, entre o período romântico e o realista, nasceu este polo dialético da Literatura: a Literatura Infantil. As primeiras obras deste gênero surgem no fim do século XVII e início do XVIII. *As fábulas de La Fontaine* e, em seguida, os contos de Perrault, inauguram o gênero, que nasce junto com a industrialização e a nova ordem econômica, o capitalismo burguês.

A função da literatura infantil, naquela época, era didática, pedagógica e de cunho moralizante, na medida em que servia de exemplo para a criança. O mundo encantado, as lendas, os mitos e fábulas e os contos de fadas traziam em sua construção um espectro moralizante, que

² Para esta breve revisão histórica literária, presente neste capítulo, consultou-se, Lajolo, Mariza, & Zilberman, Regina. *Literatura infantil Brasileira: Histórias e Histórias*. São Paulo, 1984 Ed. Ática.

direcionava a criança a um caminho que deveria ser seguido. Além disso, a Literatura Infantil era e ainda é um insumo capitalista e, para ser consumida, tem de estar de acordo com os padrões mercadológicos solicitados. Entretanto, enquanto arte, a Literatura Infantil encontra meios de, mesmo sob tantas amarras, tornar-se reflexiva, como instrumento de possibilidades e subversão, pois oportuniza os questionamentos do leitor mirim.

No Brasil, a chegada desta arte é ainda mais tardia. Somente com a edição de *Os contos da Carochinha*, de Figueiredo Pimentel, é que se inaugura o gênero no Brasil. A Literatura Infantil Brasileira tenta unificar o País, apresentando marcas regionais que constituem a nação brasileira. As valorizações de dever e pátria estão acentuadas nesses primeiros anos.

A menina do narizinho arrebitado marca um novo período que consolida a Literatura Infantil Brasileira, consagrando Monteiro Lobato e as editoras fundadas por ele. Logo, folclore e histórias populares, narrativas originais e ficção começam a circular no universo infantil brasileiro. Em seguida, os modelos de sociedades industrializadas começam a fazer parte do mundo da leitura das crianças. E após a criação do *Sítio do pica-pau amarelo*, Lobato, segundo a crítica, entra no cenário internacional da literatura infantil: o modelo “emancipatório que recusa a intermediação dos pais na relação entre a criança e a realidade” (ZILBERMAN, 2003) é o cerne da obra de Lobato.

A Literatura Infantil brasileira só vai ter uma nova modificação com a chegada da vanguarda dos anos setenta do século XX, que introduz o realismo contemporâneo no universo infantil. De acordo com o trecho abaixo, que se baseia na Estética da Recepção, quando as obras surgem, os leitores do período mobilizam seus saberes para decifrá-la:

Assim, as obras, quando aparecem, não caem em um vazio: ao serem publicadas, deparam-se com códigos vigentes, normas estéticas e sociais, formas de comunicação consideradas cultas ou populares, preconceitos e ideologias dominantes. Esses dados determinam o "saber prévio" dos leitores, que condiciona a recepção do texto em certa época ou dentro de um grupo social. O "saber prévio" é coletivo e incide sobre as possibilidades de decifração de uma obra, sugerindo que os leitores atuam de modo coeso. (ZILBERMAN, 2008, p. 92-93).

Parece-me apropriado dizer que, se obras infantis, tais como *Nó na garganta*, aparecessem antes de 1970, provavelmente seriam barradas, isto é, não seriam publicadas ou divulgadas, dados os preconceitos então vigentes na sociedade.

2. ENGAJAMENTO DAS AUTORAS, MULHERES BRANCAS, NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA VANGUARDA DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

2.1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A leitura é vista como a preparação para a vida na sociedade contemporânea, pois, conforme FREIRE (1981), se trata de um

Processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo que precede a palavra. (FREIRE, 1981, p.11)

Ao referir-se à leitura de mundo, Paulo Freire apresenta como objetos de leitura toda a historicidade do leitor da palavra, aquilo que nos constitui, a cultura de cada um, valores religiosos, políticos e éticos que pertencem à formação de cada indivíduo dentro de um grupo social.

A criança, ao iniciar suas primeiras leituras de mundo, lê primeiramente sua família e, logo que suas relações aumentam, ela pode ler todo o contexto social onde sua família está inserida, desde o ambiente até a cultura local. Mas ao chegar à escola, nem todas as crianças terão suas leituras de mundo autorizadas por esta instituição. As leituras feitas pelas crianças que pertencem às minorias sociais são marginalizadas pela escola, pois esta corresponde a um ambiente que se propõe a homogeneização cultural. Segundo Zilberman (2003),

Postular como imprescindível a posse de um tipo de saber que a criança não tem, o que mais uma vez, garante-lhe a razão e o poder. Desarmada a criança não reage; e sua impassibilidade é tomada como sinal de aceitação da engrenagem. Por todos esses aspectos, a escola participa do processo de manipulação da criança conduzindo a ao respeito da norma vigente, que é também da classe dominante, a burguesia como se viu, desencadeou os fatos até aqui descritos. A literatura infantil é outro dos instrumentos que têm servido à multiplicação da norma em vigor (ZILBERMAN, 2003, p.23).

Este universo de homogeneização forma as crianças das classes dominantes e das classes dominadas, de modo que o que para alguns é o discurso, a palavra e a leitura de seu cotidiano, para outros, passa a ser apenas uma reprodução de palavras vazias e sem identidade alguma. Vimos que a literatura infantil, filha da burguesia, nasceu com o propósito de cercear a criança de seus direitos. Ainda hoje, seu cerne principal é este. Contudo, autores que se recusam a ver tal arte servindo aos interesses do sistema buscam romper com estes parâmetros, tarefa nada fácil, mas não impossível de realizar.

2.2 REFERÊNCIAS ÉTNICAS

Vivemos em um país onde mais de cinquenta por cento da população é afrodescendente; a miscigenação indígena é significativa. Entretanto, os veículos que tratam de difundir a cultura letrada, escolas, livros, teatros, televisão e meios multimídias, ainda resistem em registrar de forma paritária a presença das culturas afro e indígena.

Ana Maria Machado e Mirna Pinsky são autoras brancas que problematizaram em suas obras a formação da identidade étnica, apresentando a cultura negra e indígena como integrantes do processo de formação do povo brasileiro. Como as autoras são referências da literatura infantil, o acervo que produzem é direcionado à escola e assim a contribuição que deixam é o legado da formação de leitor, não só negro como propõe DUARTE (2008), mas étnico, expandindo o conceito do autor.

2.2.1 ANA MARIA MACHADO

Ana Maria Machado foi exilada pelo regime militar. Essa marca em seu passado deixa evidente que a autora sempre teve uma postura democrática e voltada para a promoção da interação e do respeito entre as diferenças. Ao observar sua larga produção em literatura infantil e outras, é marcante a presença da diferença sempre como algo positivo, intensificando as qualidades do sujeito distinto. É o caso de *Menina bonita do laço de fita*, livro que se tornou o marco da inclusão afro moderna no Brasil. Neste livro, a miscigenação é contada por um coelho e uma menina negra. *Uma arara e sete papagaios* é um livro com personagem indígena, e a história se passa na aldeia, onde o índio Poti encontra uma arara e depois sete papagaios completam o cenário. Paisagem e cores brasileiríssimas são elementos presentes na literatura infantil da autora. Sua produção é muito extensa, e o recorte deste trabalho foi feito com base em *Raul da ferrugem azul* e *Do outro lado tem segredos*.

Não podemos deixar de registrar o engajamento da autora não só com a questão étnica brasileira, que merece destaque em sua obra, mas com toda a produção que remete a criança sempre a um caminho emancipatório. Caminho que vai do imaginário ao real e tem a participação da criança como agente da história, desmistificando o adulto. Histórias voltadas à psicologia infantil, como a do *Elefantinho mal-criado*, que retratam processos sociais e psicológicos da

formação da criança em seu meio, têm um aspecto pedagógico que lembra as teorias de Vygotsky. Contudo, o efeito desta leitura não é moralizante nem disciplinador, mas formador, já que facetas possíveis são expostas ao leitor, sendo que é sua visão de mundo que o guiará ao encontro de sua subjetividade.

Em *Do outro lado tem segredos*, segundo ZILBERMAN (2003):

A narrativa organiza-se em duas camadas, correspondendo a primeira à trajetória passada dos negros, desde a prisão pelos brancos, até a introdução de sua cultura no interior da sociedade e histórias brasileiras, e a segunda, à lenta apropriação de Bino deste acervo de ocorrências por intermédio de sua investigação. Quando os dois motivos se encontram, constituindo no conhecimento que o protagonista adquire sobre si mesmo e sobre as origens de seu povo e situação social, o menino conquista o solo sobre o qual constrói sua existência e consolida seu entendimento sobre a amplitude dos costumes e ambiente que o circulam. De modo que, integrando o tratamento do problema e o horizonte de compreensão do herói ainda menino à perspectiva crítica buscada, esta pode questionar a tradição e recuperar uma parte- e a menos nobre, o que proporcionou a rejeição – do passado de nação (ZILBERMAN, 2003, p.226).

Com esta obra, a autora transpõe a literatura infantil e agrega mais uma categoria em sua produção, o que Eduardo de Assis Duarte chama de literatura afro-brasileira. Conforme DUARTE (2008) é necessária uma visão de mundo identificada à cultura, à história, logo a toda a problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Essa visão é muito mais importante que o fato de a autora não ser afrodescendente, pois sua literatura traz um sujeito que se afirma e se quer negro.

2.2.2 MIRNA PINSKY

Mirna Pinsky produziu obras infantis que não esgotam em si mesmas; suas obras trazem uma reflexão e proporcionam à criança a formação de sua subjetividade. Não moralizam, mas apresentam a dualidade do real e do imaginário, e valorizam a habilidade da criança em confrontar-se com ambos os cenários e inserir-se no meio social, não somente como passiva das posições adultas, e sim, como um ser capaz de intervir e propiciar mudanças em seu meio social.

Em *Nó na garganta*, Mirna vai além da visão voltada à problemática; a autora apropria-se da linguagem coloquial, que é utilizada pela personagem central, para dar verossimilhança ao texto e mais. Apropria-se de signos que sabemos que não são inocentes, que traduzem toda uma ideologia. Assim Mirna, pela linguagem, apresenta o aspecto de diferença cultural que está no espaço que dividem Tânia e Juliana, a protagonista e a antagonista da obra:

A linguagem é um dos fatores da diferença cultural do texto literário. Assim a afro-brasilidade tornar-se-á visível já a partir de uma discursividade que ressalta ritmos, entonações, opções vocabulares e mesmo toda uma semântica própria, empenhada muitas vezes num trabalho de ressignificação que contraria sentidos hegemônicos da língua. (DUARTE, 2008, p, 13).

Além da linguagem, Mirna aborda um tema pouco comum, os hábitos das comunidades caiçaras, pouco mencionados em qualquer esfera literária. Assim, mesmo que a obra aborde a questão do preconceito, da feminilidade negra e da busca pela identidade, outros temas, como a questão indígena, pesca de subsistência e a presença da igreja doutrinária também a assinalam. A apresentação da família caiçara, que trabalha no bananal e não gosta de mariscos, é narrada pela voz do menino Pedrinho, deixando clara a presença da miscigenação indígena na sociedade brasileira. E vai além: mostra a incorporação dos valores indígenas à cultura branca, e também a tensão entre características ancestrais indígenas.

3 A BUSCA DA IDENTIDADE EM “NÓ NA GARGANTA”, DE MIRNA PINSKY

A personagem central da obra infanto-juvenil de Mirna Pinsky, Tânia, carrega consigo toda a bagagem histórica da diáspora negra devido à escravidão. Somam-se à história da família de Tânia a pobreza e a vida de retirantes. Filha de empregada doméstica e de um faz-tudo, a menina, desde cedo, tem de lidar com o condicionamento à função social destinada aos que só têm suas mãos como meio de sobrevivência – servir sem questionar.

À medida que avançamos na leitura de *Nó na garganta*, as marcas históricas do escravismo brasileiro vão dando sinais do impacto causado na população negra, na população pobre e no modelo econômico que se desenvolvia. “Nenhum outro país teve sua história tão modelada e condicionada pelo escravismo, em todos os aspectos – econômico, social, cultural”. (FREITAS, 1991, p. 11).

O perfil desenhado para a personagem a coloca em um plano de busca por sua identidade, já que a desterritorialização é uma marca cultural herdada primeiramente por seus antepassados negros e, depois, por seus conterrâneos retirantes nordestinos. A identidade de Tânia surge a partir do momento em que ela passa a perceber-se capaz de mudar sua realidade. Vale dizer, a partir do momento onde ela rompe com o condicionamento e aceita as formas de tratamento destinadas a ela pelas crianças ricas:

- Tânia, vem arrumar a Maria-chiquinha no banheiro. Lá tem espelho. Mania que a mãezinha de puxar e puxar o cabelo, depois enfiar dois elásticos e botar um laço vermelho por cima. Se ela tinha cabelo “ruim” como a mãe dizia, melhor era deixar solto feito a moça da televisão (PINSKY, 1991, p.1).

3.1 O CABELO

A abordagem da autora é direta e, já na primeira página, o cabelo de Tânia entra na roda deixando clara a estigmatização empregada ao fio afro.

O cabelo afro tem uma textura específica, pois não é naturalmente liso devido a sua composição biológica. O cabelo é a moldura do rosto, nosso cartão de visitas, como se diz cotidianamente. Se essa referência tão importante que é o cabelo é deturpada, marginalizada e tida como inferior, como ficará a identidade, sobretudo da mulher negra, que precisa buscar uma

moldura que a defina de uma forma que não a seu natural? Os cabelos, ao longo da história, sempre foram repletos de significados que vão desde força até crença; porém, a sensualidade e beleza são significados vinculados aos fios de forma imutável. As tranças de Cleópatra, cobertas com pó de ouro, ou os longos cabelos de Afrodite, representam a essência feminina e a sexualidade de mulheres poderosas.

Ao chamar o cabelo da filha de “ruim”, dona Cida, mãe de Tânia, não está somente apontando para a textura do fio e a dificuldade de manuseá-lo com o pente, mas também mostra dona Cida que está atenta às questões de higiene, indicando ser uma mãe cuidadosa e zelosa com a filha. Porém, nas entrelinhas da fala é que encontramos a reprodução de um discurso dominante, que não permite que o sujeito se reconheça em suas especificidades. Trata-se de um discurso que busca a hegemonia e manutenção da ordem vigente, não permitindo que o discurso do dominado tenha voz e vez. Neste caso, a desconstrução da beleza representada por Tânia tem por função social a manutenção de um estado em que a família, pilar da sociedade moderna e capitalista, tem um padrão estético a ser mantido. E, para preservar o poder nas mãos em que estão, é necessário manter as camadas populares, originadas da diáspora, e de todo o processo de miscigenação de formação do povo brasileiro, longe dos espaços públicos, que vão desde ambientes letrados a espaços rurais de destaque econômico. Neste recorte, o cabelo “ruim”, que é traço de negritude, tem um papel fundamental, pois esta denominação tornou-se porta-voz da designação social. Para transpô-lo, seria necessário, então, modificar, primeiramente, este cabelo “ruim”, adequando-o aos padrões de beleza da sociedade dominante, e depois toda sua essência biologicamente gravada.

Contudo, Tânia não se contenta com a fala da mãe, o que demonstra o início de uma nova construção cultural no que concerne à mulher negra, uma busca de sua ancestralidade, e sua reterritorialização. A menina-moça tinha uma referência com a qual podia se identificar, e ao longo dos capítulos outras referências surgem, ainda que poucas, aparecem para alicerçar a construção de uma identidade contemporânea para esta mulher negra, e uma ruptura como as acepções do passado e com o estereótipo do cabelo “ruim”.

Tânia queria seu cabelo solto, como o da moça da televisão. Ao verificarmos o contexto de época em que a obra foi escrita, podemos ver que o movimento “Black Power” estava em plena efervescência. A luta pelos direitos civis dos negros e a busca por um espaço de maior autonomia e autoestima retomaram o cabelo afro enquanto identidade cultural. Os salões de

beleza foram o palco da revolução afro, que se iniciou nos Estados Unidos e chegou ao Brasil rapidamente.

Esse universo de condicionamento, ao qual seus pais estão conformados, é imposto pela sociedade como único caminho possível para a juventude das camadas populares e das minorias étnicas seguir. O diferencial é que, sendo a menina uma protagonista negra em busca de identidade étnico cultural, a procura de sua valorização e o entendimento de sua realidade existencial, neste ambiente dominado pelas normas raciais, extravasam do livro nos ambientes narrativos proporcionados pela obra, havendo aí uma representação verossímil do contexto social, uma literatura infantil comprometida com a vida brasileira contemporânea e apontando para um caminho possível.

Outras marcas deixadas pelo reflexo da escravidão brasileira nas condições de vida da periferia do Brasil hoje são apontadas pela condição econômica da população favelada e de minoria étnica: os lugares habitados, a renda, as condições de trabalho e de escolarização, a desvalorização das culturas populares, indígenas e negras. Em *Nó na garganta*, vamos ver e refletir sobre cada um destes pontos, sempre pela perspectiva de Tânia, personagem central na obra, que tem diante de si toda essa realidade, com a qual tem de lidar para se afirmar enquanto sujeito.

3.2 CONDIÇÃO ECONÔMICA: ALIMENTAÇÃO

As condições econômicas da família de Tânia vão sendo reveladas a cada pausa na viagem e, depois, a cada interpelação por parte da menina. E, ainda na primeira página, a autora revela ao leitor que ele lidará com uma realidade que não é cotidiana na literatura infantil, porém, a verossimilhança do texto é encontrada na realidade diária de diversas outras tânicas e pedrinhos do Brasil. O olhar literário desvela esta realidade sociocultural e possibilita ao leitor uma imersão num universo periférico, em que se imaginam sabores e se cogitam chances de comer. Esta fala é apresentada no texto pela voz do narrador, que neste momento emprega a terceira pessoa: “De um lado, um enorme balcão de queijos, com uma cara tão gostosa que só de olhar Tânia sentiu o gosto deles, principalmente o branco, que parecia derreter dentro da forma. Sabia que a chance de comer daquele queijo era remota” (PINSKY, 1991, p. 1).

As condições econômicas da família são apresentadas nesta fala e salientadas no momento seguinte, quando o motorista seu Joaquim pede o pedaço de queijo para Tânia e põe na sua conta. O motorista representa o trabalhador assalariado e contratado. O balcão de queijos é de um restaurante de beira de estrada, onde os valores são acessíveis a viajantes e trabalhadores locais. Fica claro que as condições da família estão muito abaixo das de um trabalhador que recebe um salário mínimo e que a personagem nunca havia comido queijo, pois ela imaginava o sabor.

Há um capítulo destinado ao almoço, em que Tânia come pela primeira vez na casa da amiga Juliana. A ênfase dada à fome da menina e à repetição, assim como o destaque dado à sobremesa, “bolo de chocolate, que foi repetido três vezes por Tânia. Já que a última vez que comeu esse bolo foi na festa da madrinha há muitos anos atrás”. Esse destaque tem uma intenção que parece ambígua, pois, de um lado aponta a vontade de Tânia de consumir esses alimentos, de outro, aponta o seu modo de vida agrário, pois os pais viviam com os meios da terra.

Nos momentos em que Tânia estava de frente aos alimentos oferecidos diretamente pela natureza, sempre foi ela que tomou todas as iniciativas e ajudou tanto Juliana quanto Pedrinho a extraírem da natureza o seu melhor. Juliana trouxe o canivete para cortar o cacho da bananeira, mas foi Tânia quem o localizou e que sabia como conduzi-lo até a cabaninha. Também foi assim com a goiabeira e com a pesca e logo com os mariscos de Pedrinho.

Tânia conhecia um pé de goiaba vermelha, carregadinho, carregadinho. Custaram um pouco a chegar, porque na floresta não havia trilhas e Tânia ainda não se habituara bem ao local. As duas subiram na árvore e foram jogando as frutas que ainda não tinham sido batizadas.... - Vou levar as goiabas para minha casa- avisou Juliana. -Todas? Espantou-se Tânia, que não estava reconhecendo o jeito da amiga. Tinha voltado tão mandona. É verdade que Juliana sempre tinha um jeito meio mandão de ser ... -Todas não – respondeu Juliana deixo uma meia dúzia pra você...- Tânia resolveu deixar as goiabas madurando ali, se elas arranjassem um pouco de açúcar poderiam fazer doce de goiaba. Falou com Juliana que achou a idéia ótima, ela mesma ia trazer o açúcar no dia seguinte. Então resolveram pescar. Juliana não tinha idéia de como se armava uma vara de pesca, mas Tânia...(PINSKY, 1991, p, 51/52).

Ao primeiro impacto o que nos parece é que Tânia é uma menina que vive em condições de miséria e desnutrição. Porém, ao percorrermos com atenção o texto, o que se visualiza é a imagem de uma menina integrada a seu meio. Ela não dispõe de produtos industrializados em sua casa, mas esbanja conhecimento para uma vida campeira. A vivência com seus pais e com sua antiga comunidade está implícita nestas atividades, pois a menina pesca, colhe frutas, faz doce, prepara mariscos, manuseia canivetes e facas e mais. Então, relendo as sensações sobre os efeitos

das comidas industrializadas aos olhos de Tânia, poderíamos dizer que o que a fascinou foi a novidade do contato com esses alimentos, que traduzem uma vida de classe média, apontando um primeiro contato com o outro.

Outra faceta é a descoberta do novo e do diferente, que cativam jovens e adultos. Transparece o tato da autora em relação à personagem, que não é uma caricatura, e sim um retrato verossímil de uma jovem de vida rural, e que pode representar qualquer região do país, embora a ênfase dada à cor da menina seja pano de fundo da obra. O lúdico da literatura infantil permite que esta negritude seja convertida em diferença, abarcando assim o período de passagem da infância para adolescência feminina. A atenção aos detalhes dá ao texto um *status* de verossimilhança inigualável, pois há a identificação do leitor negro com a personagem. E a partir desta verossimilhança, se vai de encontro à presença de uma literatura afro-brasileira que, conforme (DUARTE, 2008, p. 12) seria a união de cinco elementos: a temática negra; a autoria preferencial de afrodescendente ou uma visão de mundo voltada à história negra, e ambos os pontos se complementam; uma discursividade específica; e a formação de público leitor afrodescendente por intencionalidade desta literatura.

3.3 CONDIÇÕES SOCIAIS: LUGARES HABITADOS

Foi seu José que deu o primeiro relato, nas páginas iniciais da obra, sobre o barraco onde morava a família.

Seu José já até se esqueceu do barraco de tábuas cheio de goteiras, e com cheiro de mofo na marginal pinheiros onde viveram os últimos três anos. Apagou de sua cabeça às dez horas de trabalho como pedreiro e as outras duas penduradas no ônibus (PINSKY, 1991, p. 3).

Seu José é um homem de pouca fala. Talvez um homem que não diga a sua palavra, como observaria Paulo Freire. Mas a lembrança da infância e da pesca, ao rever o mar, contrastada com a do local insalubre onde viveu com a sua família nos últimos anos, faz com que suas memórias sejam reviradas. A alegria ao rever o mar na vila Santana; a saída da Bahia para São Paulo e depois a vida de aluguel numa região diferente; o barraco na Marginal Pinheiros e a ida para Caraguatatuba – todas estas mudanças põem em evidência a vida itinerante que levava a família de Tânia, uma vida que também é um retrato fiel da realidade. De famílias que marcham do interior de seus estados em busca de uma vida melhor nos centros urbanos.

Moradia é um problema grave em nosso país, problema que vem crescendo desde o fim da escravidão até os dias de hoje. O fragmento a seguir aponta a industrialização como um dos principais fatores de migração para os centros urbanos. A falta de recursos para encontrar moradia de qualidade leva o retirante a acomodar-se na periferia, sobretudo nas ocupações irregulares.

A modernização do aparato produtivo brasileiro historicamente contornou a realização da reforma agrária. Desde o advento da industrialização que a estrutura agrária não é vista como fonte de desenvolvimento econômico nem como de democracia política. Ao contrário, as modificações realizadas na estrutura fundiária e de trabalho rural sempre estiveram associadas com a concentração de capitais. No período de 1940-60 a população brasileira passou de 41 milhões para 70 milhões de habitantes, com taxa de urbanização aumentando de 31% para 45%. A este incremento populacional correspondeu um aumento do número de assentamentos irregulares nas cidades e uma extensão irracional da malha urbana que consolidou as periferias como local de moradia da população de menor renda” (FÓRUM NACIONAL DE REFORMA URBANA, RJ, 2002, p.3).

O recorte apontado na obra aborda com sutileza o retrato do período que se inicia na década de 30 e estende-se por todo o século XX. Há concentração de população nas capitais, pessoas oriundas principalmente do Norte e do Nordeste, que fogem da seca, da miséria e do desemprego em busca de uma vida melhor.

Esse tema foi registrado pela literatura brasileira no romance de trinta, por Rachel de Queiroz com *O quinze*, Graciliano Ramos com *Vidas secas* e José Américo Almeida com *A bagaceira*. Mas o registro feito em *Nó na garganta* parece distendido sobre uma leve corda bamba que balança entre a realidade e o desvelamento da inocência de Tânia. Não é uma única visão, cruel e desprovida de sentimentos. Há a essência humana, e é aí que está o sobressalto da obra, pois Pinsky é capaz de incluir a personagem pobre e negra na categoria de “ser humano”, com anseios, aflições, desejos e vontades. Tânia e Juliana estão num jogo cujo resultado é o encontro com o sujeito (BARTHES, 2011) que cada uma representa na obra. Diferentemente da construção de Fabiano e do Soldado Amarelo em *Vidas secas*, que são sujeitos que dualizam, conforme Barthes, dentro da construção da obra. As personagens de Graciliano revelam uma espécie de animalização do homem, totalmente embrutecido pelo meio e sem capacidade de controlar seus desejos.

São os olhos de Tânia que vão mostrar ao leitor a precariedade do antigo barraco de seu José, na Marginal Pinheiros:

Começa o Vai e vem entre a casa e o carro. Uma casa de quatro cômodos – quarto, sala, cozinha e banheiro- que já tem fogão e uma prateleira descascando. Do teto pende uma lâmpada fraca, que deixa a sala com um ar mortiço. - Bonita essa casa, hei mãe! Olha só! Tem telha, é todinha de tijolo, olha só a porta, mãe, tem fechadura com chave e tudo! – e Tânia cruza os cômodos de um lado a outro, procurando se acostumar com o novo ambiente. – Mãe , olha, tem Jesus ali! – e aponta um quadro envidraçado de cristo... - Mãe, acho que agente vai poder tomar banho quente! Juro, mãe, eu acho que é um chuveiro e verdade, feito aquele que vi na televisão! (PINSKY, 1991, p. 5-6).

A visão que retrata a autora tem como pressuposto um programa de perspectiva realista na criação deste texto, ao mostrar a vida tal como ela é ao leitor mirim de acordo com (ZILBERMAN, 2003). O aparecimento de personagens como Tânia só é possível devido à vanguarda da Literatura Infantil brasileira.

Após sabermos de onde veio à família de Tânia e o novo lugar onde viverá a personagem, o próximo passo será lidar com a realidade escolar e com o novo meio.

3.4 ESCOLARIZAÇÃO

O lugarejo é pequeno, e a escola só tem uma turma onde cada aluno está no seu nível. A disposição da sala é a seguinte: os alunos do quarto nível nas primeiras fileiras, os do terceiro na segunda e assim por diante, até o primeiro nível. Tânia tem dez anos e ainda não foi alfabetizada. Pedrinho está no segundo ano. Zezinho, Luís e Sérgio estão no terceiro ano. No total, são doze alunos. Na escola, a menina é imediatamente marcada pela pronúncia:

- Ué ! Isso aí é o “A” que eu mandei?
-Oh, tá cheio de “A”, dona Vera! Tem um no avião, outro na asa, outro no boi. –E onde é que fica esse “A” do boi, Tânia? – Na arelha dele dona Vera. ...O pior é o apelido que pega na ora: Tanarelha. (PINSKY, 1991 p. 10-11).

O novo contexto, onde está inserida Tânia, é um ambiente, que, apesar de pequeno e litorâneo, é letrado. Os pequenos caiçaras que habitam o lugarejo frequentam a igreja e as quermesses que aquela promove. A igreja, neste lugar, tem inúmeras funções de controle social, mas aqui nos interessa a promoção do espaço de letramento³ fomentado pela instituição: encontros da comunidade para discutir sobre diversos assuntos inclusive religiosos, arrecadação de fundos e outros. Ou seja, neste pequeno universo social o tripé de sustentação da sociedade está na família- escola- sociedade/igreja:

³ Soares 2008

Numa sociedade que cresce por meio da industrialização e se moderniza em decorrência dos novos recursos tecnológicos disponíveis, a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria. No século XVIII, aperfeiçoa-se a tipografia e expande-se a produção de livros facultando a proliferação dos gêneros literários que, com ela se adequam à situação recente. Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade da leitura das crianças, ou seja, supõe terem passado pelo crivo da escola. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p.18).

Trata-se de um meio totalmente novo para a menina: praia, escola, casa com chuveiro e linguagem distinta.

A linguagem de Tânia deu mostras de um uso diferenciado, pois num outro momento a menina diz um palavrão e fica aflita, aguardando a repreensão. O uso da linguagem não padrão está diretamente ligado à cultura e à vivência de mundo de cada um. Tânia vem de ambiente onde o letramento não é considerado importante para o desempenho das atividades econômicas de seus familiares, logo sua linguagem reproduz a oralidade de seus pais e pessoas de convívio próximo. Na vila Santana, a menina adquire imediatamente o estigma cultural, concomitantemente ao estigma racial.

3.5 O ESTIGMA RACIAL

Desde o início do livro, notamos que Tânia não tem amigos, além dos amigos imaginários feitos pelo pai, cavalinhos de madeira. Na nova comunidade, quando a voz passa às crianças de Santana, encontramos no discurso destas crianças o motivo da solidão da baianinha.

- Posso chamar ela, arriscou Pedrinho. Luísa e Marisa fizeram cara feia. Sérgio disse: - Não deve saber jogar. Ah, ela é uma chata- disse Luísa. E Mariza completou: - Não vou com a cara dela. - Parece uma sombra- disse Luísa rindo. - Preta daquele jeito! Todos riram e o jogo continuou. (PINSKY, 1991, p.160).

As crianças são reflexos do meio onde vivem. Se a sociedade onde estão inseridas é racista, formar-se-ão crianças racistas que, por sua vez, serão adultos racistas. Segundo Vygotsky, a cultura cumpre um papel transformador no desenvolvimento da consciência humana, dando conta da natureza biológica e social dos sujeitos: quebrar uma cultura de preconceito, que está arraigada num país que saltou da economia escravocrata para a economia capitalista agrária, conforme FREITAS (1991). Sem nunca ter enfrentado o assalariamento da mão-de-obra, negra, após o fim da escravidão, ficou entregue à sorte, sem emprego, casa, alimento e respeito. Já a

mão-de-obra imigrante, que substituiu os negros nas lavouras, nunca foi assalariada. Essa ruptura no processo econômico gerou a sociedade que temos hoje, de um lado vivificado o Estado escravocrata, sem escravos, e de outro, o desrespeito com o agricultor e com o processo de produção agrícola. Um efeito rebote que do racismo passou ao campo e permanece até hoje, traduzido pela boca de crianças que serão os homens de amanhã.

Os enfrentamentos com os quais Tânia tem de lidar em busca de sua identidade são culturais e estão profundamente entranhados na sociedade brasileira do Oiapoque ao Chuí. A troca de ambiente da personagem é sucedida por um ciclo de mudanças que ocorrem na sua vida. Ela enfrenta os pais no plano familiar, tomando atitudes que os contraria, e enfrenta o universo – proposto no texto, de acordo com Zilberman⁴ no plano externo. Seus amigos imaginários são deixados para trás, junto com sua antiga vida e com sua primeira infância. Assim ela se expõe ao contato com o outro. Sua desproporção física começa a ficar para trás e, por isso, ela pode começar a se comparar às moças da pintura. Suas aventuras saíram do campo imaginário e passaram ao plano real, tudo sendo verossímil. É nessa medida que se estabelece a identificação entre personagem e leitor, com efeito, emancipatório para esse último, pois as atitudes da personagem o induzem a um caminho neste mesmo sentido (ZILBERMAN, 2003, P.100) “a fantasia na história infantil sempre espalhará, de algum modo, a circunstância histórica e, transitando no âmbito do maravilhoso a personagem atinge um grau de superação interior que lhe permite suplantar os percalços com a família e o meio ambiente”.

E é no contato com o mundo real que Tânia concretiza sua primeira experiência de sofrimento, a desilusão com a amiga, a luta por seu espaço e o encontro com sua beleza negra. Tudo ocorre simultaneamente, assim como o encontro de sua identidade.

Todos estes aspectos estão presentes na obra de Mirna Pinsky, com todo o cuidado de fala direcionado à infância e à juventude. A voz deste discurso é múltipla: Dona Cida é a grande reprodutora, está o tempo todo delimitando o lugar da filha, para que a menina não sofra, tentando ultrapassar barreira. Dona Matilde, tão atenciosa e querida, não perde a oportunidade de menosprezar o trabalho de Dona Cida. As crianças, sobretudo Rafael, o irmão de Juliana, deixa clara sua opinião sobre o lugar dos negros e também dos demais: servir a quem tem posses. A própria Juliana que, assim como Tânia, está na idade de transição para a adolescência, e depois de

⁴ Zilberman, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo, 2003, Global pág 94-95.

uma viagem, volta com consciência de sua posição social e do discurso que deve ter para manter esta posição. A menina branca de olhos azuis, ao deixar a infância, substitui sua relação de amizade com Tânia, pois entre ambas instaura-se o distanciamento gerado pela classe social. Há uma intencionalidade (Duarte, 2008, p. 11-24) de formação de sujeito no texto, projetada pelo autor, para que o negro leitor, assim como os leitores de periferia e das minorias sociais, se reconheça na obra e no mundo e emancipe-se.

3.6 A EMANCIPAÇÃO:

A princípio, a percepção de identidade se concentra na questão racial, mas, ao longo da obra, podemos ver que o ambiente racista é o cenário onde se forma a identidade da personagem. Ela vai surgindo nas visitas aos quadros da parede do seu Lucas. Na primeira visita, a menina sem amigos queria ser como a loira nua do quadro, de cabelos lisos e pele branca. Passado algum tempo, a menina começa a achar a moça negra nua do quadro bonita, e deseja tornar-se como ela. Esse é o primeiro passo para a emancipação, a libertação dos preconceitos. Que ocorre em via dupla. De um lado, a personagem, de outro, o leitor, a personagem superando seus limites e ultrapassando suas expectativas, o leitor, conhecendo outras possibilidades para histórias que até então tinham sempre o mesmo desfecho. Há a afirmação da identidade da personagem e também da identidade do leitor que se constitui.

O segundo passo é marcado pela autoconfiança. É representado pelo momento em que Tânia briga com Rafael. É aí que o grupo a aceita, pois as condições deles são semelhantes às dela, já que Rafael considera que empregado e escravo são o mesmo e servem apenas para obedecer. As ações da personagem fazem o grupo de crianças sair da reprodução do discurso dominante, pois a fala do menino apresenta-lhes o discurso dominante sem máscaras e traz à tona a reflexão que as crianças da praia não tinham feito ainda. A seguir, eles entram em luta corporal, que pode simbolizar a luta de classes. E Tânia, depois da luta, se percebe capaz de mudar sua realidade. Assim que ela vê esta possibilidade, ela enxerga sua beleza e inicia uma nova fase.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM “RAUL DA FERRUGEM AZUL”, DE ANA MARIA MACHADO

4.1 ENREDO

E gente enferruja? Assim começa o dilema de Raul, em *Raul da ferrugem azul*. Será que é bolor? E no escuro, deitado na cama, esperando o sono que não vinha, Raul se lembrava da briga. Nem ao menos podia bater em Márcio. Raul não era de se meter em brigas, não dizia nada, não chateava os outros, não entregava ninguém. Não desobedecia, não dava resposta malcriada. Todo mundo sabia que Raul era bonzinho e comportado. Depois que Márcio arrancou os óculos de Guilherme, foi aquela confusão. Raul ficou pensando que devia ter feito algo. E foi aí que a ferrugem apareceu. Ainda bem que ninguém reparou. A ferrugem ficou quieta por um tempo. Raul até tinha esquecido que estava assim.

Em uma tarde, depois do futebol, um cara com um cigarro começou a furar os balões do moleque vendedor que fazia ponto na esquina. Um a um eles foram sumindo, mas Raul era bom de corrida, ele poderia impedir isso, mas ele não se mexeu para ajudar, apesar da vontade. Logo em seguida, manchinhas azuis pareciam aparecer em suas pernas. Depois de chegar em casa e tomar um banho, ele viu que era isso mesmo.

Voltou a pensar muito naquele mistério, nas manchinhas que não queimavam, não coçavam e não passavam. Não doíam, não ardiam e não sumiam. Ele sabia que era ferrugem, que seus braços e que suas pernas estavam enferrujando. E só ele poderia resolver isso. Raul bem que tentou pedir ajuda para Guilherme, mas o amigo pensou que o problema fosse de matemática.

Na esquina, perto de casa, Raul encontrou a turma batendo papo. O assunto eram os neguinhos na noite e o medo que eles provocavam nos outros. Um dizia: “preto no escuro a gente só vê quando chega pertinho...”; outro dizia: “Quando saltei do ônibus vi um crioulinho mal-encarado na esquina... fiquei logo de olho nele”. Raul começou a pensar por que ninguém falava em branco no claro? Será que um dia ele ia ficar tão azul que as pessoas iam ver e falar um azulzinho mal-encarado? A raiva era forte, mas Raul engoliu o que ia dizer, fechou as palavras na garganta. Na porta do edifício, ele se viu no espelho, as manchas atingiram o pescoço, subiram a garganta e cobriram a boca. Raul tinha de tomar uma providência.

Muito confuso, ele começou a bater papo com a empregada Tita. Seus pais não estavam, e Tita teve de trocar sua folga para cuidar de Raul. O menino perguntou se o namorado dela não ia se importar, e a empregada respondeu que o problema era que eles iriam ao Preto Velho. Tita conversa e termina suas tarefas, servindo a janta de Raul, trazendo a sobremesa, lavando a louça. Enquanto ela fala, Raul vai se lembrando das histórias de fada que sua mãe contava e que Tita e as outras empregadas contavam. E ele vai dando vida a tudo o que ela vai contando sobre o Preto Velho. Tita, depois de ouvir os problemas de Raul, sugere que ele vá ao morro e converse com o Preto Velho.

No dia seguinte, com o dinheiro da merenda, Raul pagou a passagem de ônibus até a boca da favela. Com as explicações de Tita, ele ia chegar lá. Mas ele tinha medo que o descobrissem. Ao descer do ônibus, Raul caminhou um pouco e, logo, ouviu a voz de uma menina gritando. “Vocês são mesmo uns covardes, aproveitam que Beto é pequenininho pra roubar a pipa dele.” (MACHADO, 1979, p.31) Raul percebeu que a menina defendia o pequeno dos meninos grandes, mas Raul teve medo, pensando que isso poderia ser perigoso. Estela dizia: “não consigo ficar quieta quando vejo alguma coisa errada.” (MACHADO, 1979, p. 34). Estela reparou na ferrugem de Raul, mas não disse nada. Apenas se ofereceu para levá-lo até o Preto Velho.

Chegando à casa do Preto Velho, Raul viu um velhinho simpático e sorridente. Depois de conversar com o velhinho, Raul ficou triste ao perceber que o Preto não tinha a receita para acabar com a ferrugem. O Preto Velho, ao perceber a tristeza do menino, foi dizendo: “A sua ferrugem é tão pouquinha, que logo passa... Sorrindo, cantarolando, distraído, acendeu o cachimbo”.

Raul foi embora, pensando que não havia adiantado nada subir o morro, até que Estela perguntou a cor de sua ferrugem. Raul se assustou, a menina sabia sobre a ferrugem. Ele perguntou o motivo de ela querer saber, a menina foi dizendo: “Quando eu tive a minha era amarela. Minha amiga Marieta teve ferrugem preta. Estela não podia ver, pois era difícil às pessoas verem suas próprias ferrugens, imagine a dos outros. Então Raul contou que era azul Raul da ferrugem azul”.

Então Raul soube que foi ajudado, ele entendeu que cada vez que ficou quieto e deixou de ajudar alguém que sofria uma injustiça, as ferrugens apareceram. Estela era diferente, falava alto,

tinha um jeito todo malandro, brigava, não se importava com o que os outros ficavam pensando. Mas, entre seus amigos, ninguém se preocupava com a ferrugem. Estela se preocupava. Estela levou Raul até o ponto de ônibus, e Raul já sabia o que fazer.

4.2 TEMAS

Raul da ferrugem azul, de Ana Maria Machado, foi escrito em 1979. Neste momento, o Brasil iniciava um processo de redemocratização, anistia política e liberdade de imprensa. A obra compõe o quadro da vanguarda realista na literatura infantil. É extremamente ousada e necessária a abordagem a qual a autora propõe ao leitor. Trata de silenciamento, racismo, desigualdade social e desvalorização da mão de obra informal. Ao oferecer aos leitores mirins uma visão emancipatória, calcada na realidade do período que vivemos, Ana Maria colabora para um futuro nascedouro, já que ao pequeno leitor está sendo dada a possibilidade de tornar-se sujeito e sujeito crítico no mundo real.

Discorreremos, brevemente, sobre silenciamento, racismo, desigualdades sociais e desvalorização da mão de obra informal. Nesta obra, mostraremos a relação destes temas com a emancipação do leitor e apontaremos o momento em que isso acontece.

a. O Silenciamento:

Ferrugem é um processo químico de corrosão que consome o metal inerte em contato com o ar e a umidade. Para que o processo inicie, é necessário que a peça metálica esteja exposta ao ar e à umidade durante muito tempo. A metáfora da ferrugem empregada pela autora traduz a essência do personagem central, Raul, um menino bonzinho, que não incomoda, pois não se manifesta. O seu “ser bonzinho”, dogma de nossa sociedade, é posto em confronto com a ferrugem, pois de tão bonzinho e obediente Raul ficou tão paradinho que enferrujou.

Os anos de chumbo no Brasil e a bipolaridade mundial marcam o período da ditadura brasileira, entre 1964 e 1985. As arbitrariedades do regime e as leis de segurança nacional converteram os cidadãos em suspeitos e em vítimas do governo. O desrespeito aos direitos humanos, o controle dos veículos de comunicação e o engodo do milagre econômico também foram gerados neste período. O comprometimento da informação é um abalo na conscientização de um povo.

As Forças Armadas tomaram os poderes executivo, legislativo e judiciário. A liberdade ainda dava seus suspiros, quando o AI-5 veio para eliminar as reivindicações, as vozes dos estudantes, dos artistas, dos operários e dos intelectuais. Foram quase dez anos de silenciamento forçoso, de tortura e de perseguições. As crianças nascidas neste período aprenderam a não questionar. E é o reflexo deste silenciamento que ainda colhemos nas gerações que se seguiram. Em verdade, estamos há apenas uma geração e meia do fim do silenciamento, ou seja, as crianças silenciadas tornaram-se pais silenciados e silenciaram seus filhos, que, com as facilidades tecnológicas, foram facilmente convencidos pelo suposto valor do silêncio. Os amigos de Raul estão silenciados e, mais, estão se divertindo com o sofrimento alheio e mostrando que a falta de consciência é maior ainda, pois logo um deles pode passar ao papel da vítima.

- Olhem o que aquele cara está fazendo”!

O cara, com um cigarro na mão, ia furando um por um os balões do moleque vendedor que fazia ponto na esquina. Um a um iam sumindo, pou!, cadê o vermelho?, e o laranja?, pou! E o branco enorme?- pou! Lá se foi o verde...

O moleque gritava, esperneava chutava, mas com as mãos ocupadas com os outros balões e mais os cata-ventos e bandeirolas não podia se defender direito e pedia ajuda. Raul era bom de corrida... Mas como os colegas não se mexeram e ficaram olhando de longe e dando gargalhadas, ele também não saiu do lugar” (MACHADO, 1979, p. 15).

b. A construção da identidade de Raul através do contato com Estela:

Visando à ruptura com o convencional, a criação literária só pode introduzir a norma em seu interior para revelar sua índole aglutinadora; desse modo, ao incorporar os modelos estéticos, sociais, lingüísticos étnicos ou religiosos, o texto revela-os enquanto convenções destinadas a manter um certo tipo de dominação no meio social, contribuindo, pois para seu conhecimento e transformação. Em tal medida, o texto se converte em instrumento de investigação da realidade, questionando-a sem abdicar de sua natureza literária, pois transforma todos os elementos externos em componentes de sua estrutura (ZILBERMAN, 2003 p.175).

Em *Raul da ferrugem azul*, o retrato de sociedade que temos é o recorte de um período de transição do modelo político ditatorial para o democrático. E as personagens centrais da obra, Raul e Estela, representam, respectivamente, o desejo de romper com o silêncio que nascia muito lentamente e a voz forte que clama por justiça e igualdade e ecoa esparsamente em poucos pontos do país.

É a voz forte de Estela que conduz Raul a seu desenferrujamento, ou seja, a sua tomada de voz. A menina negra, que mais parecia neta do Preto Velho, não se cala diante do que lhe desagrada. Ela não tem medo das consequências. Estela rompe com os clichês de sua época e –

“Com a ideologia, isto é, noções comuns em circulação num determinado momento histórico” (ZILBERMAN, 2003, p. 175).

O valor emancipatório na presença de Estela não está em suas palavras, mas, sim, em seus atos. Ela nunca disse a Raul o que ele deveria fazer, mas, ao ver suas atitudes, ele iniciou a construção de uma identidade própria.

Bem atrás de Raul, uma voz de menina começou a gritar:
 - Vocês são mesmo uns covardes, aproveitam que Beto é pequenininho para roubar a pipa dele. Mas não vai ficar assim não, estão sabendo? Vocês vão ver só o que eu vou aprontar...
 - Os outro acharam graça:
 - Tá zangadinha, é?
 - Deixa disso, não se mete não.
 - Fica de fora que em briga de homem mulher não se mete” (MACHADO, 1979, p. 30-31).

O estranhamento já havia sido provocado na formação do menino. As fissuras da sociedade estavam perceptíveis a ele e em desacordo com o seu caráter, que ele estava construindo. Contudo, no seu núcleo familiar e escolar, Raul não encontrava as respostas para as perguntas que o inquietavam.

Raul não gostava de abusos, contra quem quer que seja, mas ser um menino bonzinho o impedia de tomar uma posição em relação aos abusadores. Raul estava condicionado pela sociedade. Simplesmente acatava qualquer coisa sem questionar, mas isso o incomodava.

A ferrugem como metáfora tem um sentido polifacetado. Ela representa o envelhecimento e estagnação de determinadas ideias assim como sua imutabilidade, uma vez que ela, a ferrugem, é produzida por oxidação, em geral associada à inatividade e exposição ao tempo. O metal inerte enferruja; as ideias que não acompanham a evolução de seu tempo enferrujam. Mas também há uma mudança de cor o que simbolizaria a diferença, como ser humano, e estas diferenças podem ser: estar no lugar de grupos sociais diferentes; colocar-se no lugar do outro, e sentir o efeito dessas diferenças na própria pele; mostrar-se um ser humano diferenciado, com uma concentração maior de amor ao próximo e desejo de minimizar as diferenças entre camadas sociais, tornando-as mais igualitárias.

Estela reunia em si ambos os aspectos, pois, além de ter a pele negra, representando os grupos minoritários, ela “era diferente, Estela da ferrugem amarela. Estela se preocupava”. (MACHADO, 1979, p. 38). Raul encontrou Estela fora de seu meio, ele a encontrou no morro, que, segundo Zilberman (2003), é um “espaço externo ao seu e em âmbito real”. Este encontro

foi traduzido em reflexão e, por fim, resultou na formação de sua identidade que iniciou uma construção direcionada a partir do perfil de Estela.

Além de conhecer a menina, a personagem encontrou outro universo, o exterior⁵. Onde as pessoas que, no seu universo interior, eram caricaturadas, tinham neste universo, forma real, e às avessas do que se apresentavam nas caricaturas. “Negros mal-encarados”, por exemplo, converteu-se em senhoras lavadeiras, que muito trabalhavam e pouco eram reconhecidas. Um outro cenário circulava dentro do ônibus, um mundo de pessoas da periferia, com seus hábitos e vestimentas, diferentes do que era tido como padrão no círculo de convívio do menino. O comum entre eles e Raul era a cultura do silêncio ante a injustiça e o desrespeito. Como se o povo estivesse acostumado a calar diante desses fatos.

Na página 44, de *Raul da ferrugem azul*, a personagem reage ao desrespeito do motorista contra a lavadeira. O motorista a chama de dona Maria, acenando que qualquer mulher em sua condição, negra, pobre, lavadeira, é “uma qualquer” sem distinção e ainda a classifica como “atoa”, fazendo alusão a sua atividade informal e sem registro na categoria de trabalhador assalariado. Freitas (1991) define a noção de trabalho assalariado no modelo capitalista:

Trabalhador se define como o indivíduo que não possui meios de subsistência, ou, por outra, está desprovido dos meios de produção. Não pode sobreviver a menos que trabalhe para outrem, que troca lhe proporciona os meios de subsistência, representados por um salário. De posse do dinheiro adquire no mercado meios de subsistência. Subentendendo-se que aquele para quem trabalha deve possuir o dinheiro, ou seja, o capital, chamando-se de capitalista. (FREITAS, 1991, p.12)

A atividade da lavadeira não é constante. Quando ela lava, recebe, e recebe o que o pagante achar justo, ou seja, muito menos que o valor de sua mão de obra. Este cenário está vinculado à abolição da escravatura e à chegada dos imigrantes para substituir a mão de obra negra nos canaviais e nos cafezais. A imagem de vadiagem que circula no senso comum, como o do motorista, também se atribui a esse período, pois, segundo Freitas (1991), “as leis contra vadiagem se multiplicavam, em âmbito nacional, provincial e municipal”, no período e seu reflexo perdura até os dias de hoje.

⁵ Zilberman, Regina. (2003). *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global.

De volta do morro, Raul contou a Tita suas aventuras, lembrando que sempre ela era quem lhe contava histórias, mas, agora, ele também tinha uma história para contar, e essa história tinha um final diferente.

4.3 O EFEITO DA LITERATURA INFANTIL NO PEQUENO LEITOR

A literatura infantil, conforme Zilberman e Lajolo (1984), nascida da burguesia e para a burguesia, ainda assim é uma arte, e, como toda a arte, ela é subversiva. A literatura infantil é uma das artes mais amordaçadas pelo sistema burguês. Como a função da literatura infantil é mercadológica e de consumo, além de profissionalizar o escritor, que tem de dar conta de vários critérios de exigências para a aceitação do mercado editorial, esta literatura sofre com a imposição de limites e deformações constantes. Mas como a vida imita a arte, ela consegue, mesmo sob tanta vigilância, provocar o efeito de catarse necessário à emancipação do leitor, apresentando realidades ou fantasias que apontam para a decifração de possibilidades implícitas e para a ruptura com a ideologia vigente.

Raul da ferrugem azul mostra uma personagem tipicamente burguesa, que estaria fadada a seguir os passos de seus pais, levando a vida sem se preocupar com nada, pois não lhe faltam comida, dinheiro e lazer. Contudo, o menino, que é exposto ao universo literário desde cedo, sente uma incompletude em sua realidade:

Pelo menos, uma sorte: o pai e a mãe tinham ido jantar fora. Sozinho na mesa da copa, na frente do prato de comida Raul podia dar toda a atenção ao problema. Ainda bem que não tinha ninguém, pensava ele. Ninguém como? E o prato de comida? Apareceu ali por mágica? Pô, que raiva, até ele estava entrando nessa? (MACHADO, 1979, p. 24).

Os questionamentos de Raul não têm origem no seu eixo familiar e tampouco no escolar, pois estas instituições formaram um Raul que está em confronto com esses anseios, o Raul bonzinho. O questionamento, então, vem desta literatura, que, cheia de imaginação e fantasia, apresenta temas por vezes eufóricos, voltados ao animismo de todo os seres, por vezes críticos, que têm uma visão benevolente da infância e, ainda, emancipatórios – uma visão de autonomia, conforme Zilberman (2003). Mas que, sobretudo, trazem uma perspectiva de mudança que rompe com o meio cultural e social da criança, seja qual for sua classe social:

Raul, ouvindo e pensando, lembrava das estórias que tinha lido e ouvido desde que era bem pequeno, contadas por Titã e outras Titãs de nome diferentes, contadas pela mãe e pelo pai, desenhadas em quadrinhos nas revistas ou escritas em livros com ilustrações. Ele sabia que não era exatamente isso que estava ouvindo. Mas o que estava entendendo era mais ou menos assim: Era uma vez... (MACHADO, 1979, p. 25).

Ao conhecer Estela, uma menina que tem outra formação e vivência de mundo, Raul confirma seus anseios e seu senso de justiça pode enfim ser libertado. O contato com Estela é libertador à medida que proporciona a Raul o encontro com outro Raul, um menino ativo, que se posiciona diante de situações de conflito e de injustiças.

a. Um Raul que decidiu pensar

A consideração mais importante do texto é “Um Raul que decidiu pensar”. O ápice do texto é esse momento, a autora, a personagem e a emancipação do sujeito leitor se cruzam para trazer ao leitor mirim uma mensagem, singular e reveladora, *decidir pensar*. Neste momento, diversas sentenças podem ser lançadas a essa reflexão feita por parte do “eu” Raul. E entre elas podemos mencionar algumas, que são válidas não só para o momento histórico da obra, mas sim, para dias como os de hoje. E certamente, para muitos dias que estão por vir, pois a obra *Raul da ferrugem azul* rompe as barreiras do tempo. Não apenas digerir em doses homeopáticas toda a cultura de massa despejada diariamente pelas mídias sobre a população. Não apenas ouvir, acatar e reproduzir mecanicamente, em uma automatização sem fim. Não apenas achar que uns são piores que os outros por direito divino, e que o que temos é fruto de nossa sorte e da dedicação. Não apenas ignorar que toda a verdade tem mais de um lado. Não apenas acreditar no que está registrado simplesmente porque está escrito.

É com esta tomada de consciência que Raul volta para sua casa, e a partir daí temos esse novo menino. Que questiona, reage em meio a cenas onde todos preferiram silenciar, age como alguém capaz de intervir no seu meio. E essa mensagem vinda da Literatura Infantil transforma, consolidando um novo momento no país e na vida dos cidadãos brasileiros. Através de Raul, muito é dito para as novas gerações de pequenos leitores, pois eles serão os que farão a diferença nas próximas sociedades. Pensar por si próprio é o passo primordial para que condutas mais igualitárias sejam adotadas por parte de todos, do povo ao senado.

5. AS ORIGENS HISTÓRICAS DA FORMAÇÃO ÉTICA NO BRASIL EM “DO OUTRO LADO TEM SEGREDO”, DE ANA MARIA MACHADO

5.1 ENREDO

Bino, o menino Benedito, vive em Guriri, praiinha que fica no estado do Espírito Santo. Nesta praia, seu pai, seu avô e toda a comunidade local vivem da pesca. Por causa das idas e vindas das ondas e da vista que se perde na infinita linha do horizonte oferecida pelo mar, um dilema vem à cabeça de Bino. E o menino trata de dividir a preocupação com Dilson, seu amigo e também filho e neto de pescadores: o que encontrariam do outro lado do mar? As conversas com vó Odila, com seu Mané Faustino e com Tião, forneceram algumas pistas. Mas há tantos segredos ocultos nesta história que as pessoas sempre ficam com medo de falar sobre o que há e o que houve do outro lado do mar.

A quermesse e a congada reforçam as ideias que andam na cabeça dos meninos, e por fim, as informações de Maria, sobre o outro lado do morro, fazem Bino e Dilson compreenderem que há muito ainda para descobrir, sobre a história dos que vieram do lado de lá. E que muito dessa história está aí espalhada, basta saber ler, e essa leitura não será feita no papel, mas sim na oralidade e ancestralidade do povo desterritorializado.

Do outro lado tem segredos é um livro infanto-juvenil de Ana Maria Machado, publicado no início dos anos 1980. O livro tem como tema as raízes africanas. A abordagem aponta falta de acessibilidade

- a. às informações que dizem respeito à chegada dos negros no Brasil,
- b. às diversas etnias que vieram para o país,
- c. à cultura que as diversas etnias negras tinham em seus países,
- d. à não inclusão da cultura negra nos espaços escolares,
- e. ao resgate desta história através da oralidade.

5.2 AS RAÍZES AFRICANAS

Os meninos de Guriri sabem que há algo do outro lado do mar. Várias conversas já foram presenciadas por eles. As cantorias de roda, de vó Odila, têm segredo. Que língua diferente é essa que ela fala, que emprega palavras como Aruanda, Luanda, Angola.

Levar ao leitor este conhecimento traz desconforto e vários questionamentos. As perguntas aparecem e ficam em aberto, pois as respostas não estão formuladas ainda hoje. Se a vanguarda da literatura infantil dos anos setenta chega ao realismo, Ana Maria Machado vai mais longe, segundo Zilberman (2003):

É a legião dos esquecidos, de que fala a canção de Luiz Gonzaga Junior, que parece ter adentrado na literatura por intermédio das novelas “O soldado que não era” e “Do outro lado tem segredos”, respectivamente, de Joel Rufino dos Santos e Ana Maria Machado. Se a literatura infantil no, quando se debruçou sobre os eventos da história do Brasil, sempre procurou reforçar seu compromisso com a versão oficial dos fatos, aqueles escritores invertem o ângulo de tratamento do problema e lhe dão novas dimensões. Com isso não apenas questionam a narrativa tradicional, que reiterou sua inspiração do passado nacional, mas procuram romper o cordão que a prende umbilicalmente ao livro didático. (ZILBERMAN, 2003, p.222-223)

Vó Odila e sua narrativa anacrônica e fragmentada são o motor do despertar da curiosidade de Bino. Essa oralidade comunitária, nas rodas onde a vó contava histórias e entoava cantos, que os jovens acompanhavam sem questionar e sem captar um sentido linear, é o que resta da memória ancestral dos negros vindo para o Brasil durante o período colonial. As narrativas de Vó Odila são registros informais que moram na memória do povo e que por isso vão sendo modificados devido ao caminhar do tempo. Sobre a tradição literária oral, podemos dizer que, segundo Carlos Nogueira: “É precisamente no produto ou no resíduo literário popular ou oral que reside, muitas vezes, mesmo num juízo de gosto pouco dogmático, o bom gosto artístico e muito do valor da memória coletiva permanente” (ORGANON, 2007, p.17-31).

5.2.1 A MEMÓRIA

A memória de Vó Odila, pois, constitui uma literatura oral que retoma tradições que vieram da África e que foram se diluindo aos poucos, mas não se perdendo e, sim, se mesclando à cultura indígena e portuguesa. O legado dos antepassados negros que Bino buscava incessantemente é hoje uma mescla de um discurso antropológico, que, segundo Julie Cavnac,

integra a perspectiva histórica, é tido como a última revolução significativa das Ciências Humanas. Nesse sentido, além de enfraquecer as especificidades tradicionalmente atribuídas às duas disciplinas, as aproximações entre a história e a antropologia mudam o estatuto dos textos coletados pelos etnógrafos: De experiência de vida tornam-se documentos enigmáticos ou instrumentos para as reivindicações de direitos ancestrais” (ORGANON, 2007, p. 95-108).

Seu Mané Faustino, velho pescador que ainda tem o brilho nos olhos, conta das tristezas dos negros que vieram dos navios. Quando era pequeno, seu Mané Faustino conhecia gente que era filha de gente que tinha vindo de lá, da África. Ele fala da separação de famílias, dos sofrimentos nas embarcações negreiras, das correntes e do desespero. É seu Mané Faustino que apresenta os reis aos meninos, pois ele sabia como se passava na África antes da escravidão, através das memórias dos filhos daqueles que vieram de lá.

Faustino fala das festas, do trabalho, da comida, de uma vida coletiva. Um ponto em comum entre ambos os narradores memoriais, Mané e Odila, é o *não querer lembrar*, como se esta ancestralidade houvesse sido sequestrada e perdida. O acesso a essas memórias é uma recordação nostálgica distante, que recobra angústias pela ruptura brusca que é a passagem dos reinos africanos para o estado de escravidão. O traslado para uma terra distante, a separação das tribos, o desaculturação dos africanos, a demonização das crenças africanas, a violação dos corpos e o trabalho que teria como único e doce fruto a morte. Lembrar-se destas marcas passadas doía nos anciãos, pois o processo que iniciou na metade do século XVI teve consequências sociais e econômicas que mudaram o curso da história no Brasil, segundo Freitas (1984):

Na segunda metade do século, chegou à vez do Brasil. Na Europa enriquecida pelas descobertas, manifestou-se súbita e pantagruélica fome de açúcar. Capitais e técnicas de origem predominantemente não portuguesa afluíram para Pernambuco e Bahia, e, logo nas suas pegadas apareceram escravos negros. Pois, como assimilou no século passado o historiador cubano José Antônio Saco, “entre a produção de açúcar e o comércio de negros, houve desde o princípio tão estreita vinculação que tudo o que fluía em aumentar ou diminuir aquela, dava nesta um resultado equivalente. Negros, negros, negros. Os colonizadores queriam negros, e estes, com efeito, foram chegando primeiro às centenas, e depois aos milhares. Fecundadas pelo trabalho negro, Pernambuco e Bahia ganharam vida...Pernambuco e Bahia já despontavam no mercado mundial como os maiores produtores de açúcar. Para tomar possível essa produção os traficantes descarregavam na costa uma média de cinco mil negros. Veio à luz, desta forma, o sistema escravista brasileiro- de longe o mais sólido, recalcitrante e longevo das Américas, segundo o provam circunstâncias tais como de ter sido o Brasil a última nação a suprimir o tráfico e abolir a escravidão. (FREITAS, 1984, p. 12)

Essa mudança é multifacetada, pois, para o início econômico do país, a escravidão representa uma vitória. Vimos que, em longo prazo, é por conta deste período e das heranças, geradas a partir deste, juntamente com a mentalidade da classe dominante no Brasil, que o desenvolvimento esperado para o capitalismo é lento e inversamente proporcional à desigualdade social que é crescente. A personagem Vó Odila não pode projetar estes anseios com palavras, mas o modo como a autora o descreve transmite estas sensações. Nas cenas onde ela é descrita,

podemos sentir o “tum” desritmado do coração da vó e visualizar seus lábios, contando as histórias em que se mesclavam entre as farturas de grãos em solo africano e as misérias da vida escrava. Contudo, ela não fala, isto está nas entrelinhas, na soma das memórias ancestrais, representadas pelas palavras confusas da vó, pelo seu jeito distante de olhar e de falar, pela sua idade e conhecimento de mundo.

5.3 OS BÚZIOS, A ESTRELA DO MAR E AS CRENÇAS

Junto com os negros, veio a crença africana, suas divindades e deuses, toda uma outra cultura de credo distinta da indígena e distinta da cristã. Demonizada pelo Cristianismo, seja de vertente católica ou protestante, o que restou à crença afro-brasileira foi travestir-se dentro do sincretismo. A abordagem da crença africana, feita por Ana Maria Machado, em *Do outro lado tem segredos*, aponta para um universo cheio de outras possibilidades, possibilidades místicas da cultura africana: “ouvi dizer que dá sorte. Que tem gente que sabe ler nelas, igualzinho a búzio, concha, essas coisas” (MACHADO, 1980, p. 30). Contudo, a autora não aprofunda estes pontos no que se refere à crença, mas confere aos búzios o aspecto de leitura sensorial. E é na identificação com o catolicismo que a autora segue a abordagem no campo religioso. Trata-se de uma opção política já que as memórias desta obra têm caráter de reconstrução histórica nacional. As ordens religiosas católicas mantiveram laços estreitos com o escravismo brasileiro:

E a principal regra foi: era possível ser irmão, sem deixar de ser escravo. Durante o período dos levantes ocorridos em Salvador, nas primeiras décadas do século XIX, o Estado Português, aprovou inúmeros compromissos de irmandades negras, ao mesmo tempo em que reprimia duramente os negros revoltosos. De um lado temos a repressão aos revoltosos que se recusavam a aceitar a escravidão. Do outro, um estímulo ao crescimento das irmandades, que agremiavam negros que, no geral, buscavam adaptar-se as regras da sociedade cristã colonial. Isto não impediu, porém que os negros buscassem todas as formas possíveis de acesso à liberdade, o que implicou inclusive na reinterpretação das ideologias propostas pela elite escravista. ...Em 1799, a Rainha de Portugal, D. Maria I, em carta ao Governador da Capitania da Bahia, manda que este remeta ao Administrador Geral da Alfândega a carta em que trata sobre “a facilidade com que os irmãos de S. Benedito defendem perante o mesmo administrador, os pretos e mulatos fugidos de seus senhores para evitar os abusos praticados”. Várias atitudes adotadas por membros negros de irmandades, levam-nos a sugerir que estes haviam compreendido e aplicado à ideia de igualdade com os seus senhores no plano espiritual, veiculada pela Igreja Católica. (Revista Aulas, 2007, p.7).

A condição escrava e a expropriação de toda a identidade africana obrigam os negros a tomar uma posição: lutar até a morte pela liberdade, ou condicionar-se à vida escrava e viver entre dois mundos da melhor forma possível.

Antes mesmo que o primeiro escravo desembarcado no Brasil se rebelasse, os senhores e autoridades coloniais já sabiam ser necessário controlar seu corpo e seu espírito. O regime escravocrata, como todo regime de trabalho forçado, baseou-se fundamentalmente no chicote e em outras formas de coerção, mas não teria vigorado por muito tempo se só usasse a violência. (Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33)

Em uma literatura infantil consciente como é a de Ana Maria Machado, para apresentar a realidade, é necessário ter todo o cuidado com o leitor mirim. O lúdico tem que estar presente para não se correr o risco de adentrar na literatura não infantil. Com todo este cuidado, ao mencionar as congadas onde os reis congos desfilavam e as quermesses sob a bandeira de São Benedito:

Só que a na animação da festa nem dava pra pensar em nada. Era só rir, se divertir, conversar, ver as belezas todas, cantar, dançar. Era só festejar São Benedito. Os homens da Congada já começavam. Todos Vestidos de Branco, com um camisolão, de barra de renda por cima das calças. No peito fitas de cor cruzadas pelos dois ombros. Na cabeça um lenço branco comum, desses de soar nariz, por baixo da coroa de flores. E umas fitas coloridas penduradas. (MACHADO, 2003, p. 53).

A autora mostra, entre os festejos da comunidade e as lacunas que Bino deseja preencher, os caminhos percorridos pelos negros no Brasil e as consequências disto para a população. E ainda enfatiza a busca pela ancestralidade, através das raízes ocultas nas memórias dos anciãos. A congada retoma, além da devoção a São Benedito, a herança real, a coroação do rei congo, e mais:

O processo de recuperação de uma memória recalcada pela versão oficial dos acontecimentos, usando para isto o próprio adolescente que é leitor ou personagem do texto, ocorre igualmente na narrativa de Ana Maria Machado, *Do outro lado tem segredos*. Não se tratando de um relato propriamente histórico, como o anterior, seu propósito é mostrar como a coletividade negra foi rompendo pouco a pouco os laços com seu passado” (ZILBERMAN, 2003, p. 225).

Se os laços com o passado africano são rompidos, os elos com o presente brasileiro não são conectados, pois os registros são sempre feitos sob a ótica escravocrata:

Enquanto houve escravidão no Brasil, os escravos se revoltaram e marcaram sua revolta em protesto armados, cuja interação não encontra paralelo na história de qualquer outro país do Novo Mundo. Essas revoltas, entretanto, ainda não obtiveram aquilo que **Lucien Febvre** denominou lapidarmente de “direito a história” Não apenas são mal conhecidas- em geral sequer se faz ideia da frequência e intensidade com que se produziram- mas também tratadas como episódios marginais do processo histórico brasileiro” (FREITAS, 1984, p. 171).

5.4 A LÍNGUA E A DIVERSIDADE

Ao apresentar a congada e as palavras, que na mente de Bino bailavam, Ana Maria Machado abre uma lacuna para reflexionarmos sobre as distinções étnicas e sociais dentro da diáspora negra, pois a África é um continente. Logo, o que se converte, na escravidão, em um emaranhado de negros, foram na África, distintos povos, com distintas culturas, distintas linguagens, habitantes de distintos territórios, crenças muito diferentes entre si. E mais: dentro desta distinção entre os povos africanos, a rivalidade também se fazia presente.

Conforme Freitas (1984), os registros feitos sobre os negros que aqui chegaram mencionam somente os portos por onde eles foram encaminhados ao Brasil, e não seus registros étnico-culturais. Para completar esta ideia acerca do passado interrompido, vale lembrar a “língua esquisita de vó Odila” (MACHADO, 2003, p. 25), que pode ser entendida como herança da mescla de cultura e língua que sofreram os negros chegados ao Brasil. Conforme Freitas (1984), os capitães tinham como mandamento não embarcar no mesmo navio os negros que falassem a mesma língua. Também o sincretismo linguístico teve um ascendente africano decisivo que se mesclava com português e tupi; era uma língua única, a língua falada pelos negros de Palmares e do Brasil, língua que se espalha por aí e dá mostras de seus registros.

Vários escritores assinalaram a presença negra no Brasil, através do registro escrito de sua oralidade. A literatura faz um registro da presença linguística e histórica, muito mais marcante que o empenho histórico do período que compreende desde a colonização até o fim da escravidão e início do Estado Novo. Este trabalho pretende, apenas, fazer um pequeno levantamento da formação da identidade étnica na literatura infantil. Sendo assim, não se deterá em explorar outras fontes de registros, voltadas a literatura não infantil - no que se refere à linguagem negra - que pertencem, e sim, apenas, apontar um dos possíveis sentidos da menção sobre a linguagem da personagem vó Odila, no livro *Do outro lado tem segredos*. Elementos desenhados por Machado tem, devido à literatura, este engajamento social que pode alternar a presença de elementos históricos, sem se preocupar com um alinhamento cronológico dos fatos. Ao mesmo tempo, é devido à literatura e ao seu compromisso com o histórico e a historicidade, que a autora trata de encaixar registros que vão compondo o mosaico dos segredos perdidos da cultura africana entre estes quinhentos anos de diáspora.

5.5 CULTURA INDÍGENA

Em sua busca Bino, acaba encontrando “um outro lado”, o do morro. Este outro lado é apresentado por Maria, descendente indígena. A menina parece estar a ponto de esclarecer as dúvidas de Bino, mas:

- Maria, você já ouviu falar como é que era do outro lado, antes dos homens chegarem e carregarem todo mundo preso? - Já Claro...Mas não foi todo mundo, não. Teve uns que ficaram doentes... Teve uns que sobraram...Pouquinhos, mas tem. Até hoje.

-Então, Maria, você já ouviu falar também nos reis deles...Será que eles eram como rei Congo?

Maria deu uma gargalhada:

- Não, Bino, eles não tinham nem roupa, quanto mais manto coroa e essas coisas todas. E não eram mesmo reis, né? Eram só os chefes lá deles. Tão bonitos que devem ser...A cabeça toda estrelada de penas de pássaros...A pele toda desenhada e pintada com tinta de flores e frutas.... E aquela porção de coisas bonitas em volta, feitas de palha e de barro, de madeira e de pena, de ossos e de concha... Ah, bem que tem horas que me dá vontade de que minha avó nunca tivesse saído de lá e eu ainda pudesse ser toda índia, morando no mato, dormindo em rede, pescando...

O quê? – interrompeu Bino. - O pessoal do lado de lá é índio?

Claro você não sabia? Quer dizer. Hoje tem muito pouquinho, já está tudo misturado, qualquer um chega lá. A gente nem pode dizer mais que o pessoal do lado de lá é índio. Não é mais. Mas era. Há muito, muito tempo.

- Você tem certeza? Como é que você sabe?

-Minha avó que me contou.

E como é que todo mundo chega lá?

- De Carro, carroça, de carro de boi, a cavalo, em topa de burro, sei lá. (MACHADO, 2003, p. 37-39).

Ao final da conversa, Bino percebe que não estão falando do mesmo lado. Ao assumir a narrativa, a voz indígena e feminina da personagem faz com que o pequeno leitor que vinha numa viagem ancestral à África e à cultura oral negra perceba que a cultura indígena, natural do Brasil, acaba percorrendo um caminho paralelo ao da cultura negra, a do apagamento. O conhecimento do outro lado de Maria não se dá da mesma forma que o de Bino, apesar da memória dos anciãos.

As considerações feitas por Maria apontam para questionamentos, pois os negros não sabem muito de sua história, mas eles são muitos por aí. E os índios? O processo de tutelamento indígena, iniciado nas missões jesuíticas e mantido pelo Estado até os dias de hoje, tem reflexos no mínimo questionáveis. A população guarani que cobria toda a terra Brasil, conforme Darcy Ribeiro, desapareceu, e hoje é tida como pacífica e submissa. Além disso, sua presença na educação resume-se ao dia do índio; a herança do índio no Brasil é assim, velada, embora os hábitos e as influências estejam presentes até hoje.

Nenhum colono pôs jamais em dúvida a utilidade da mão-de-obra indígena, embora preferisse a escravatura negra para a produção mercantil de exportação. O índio era tido,

ao contrário, como um trabalhador ideal para transportar cargas ou pessoas por terras e por águas, para o cultivo de gêneros e o preparo de alimento, para a caça e a pesca. Seu papel foi também preponderante nas guerras aos outros índios e aos negros quilombolas. A documentação colonial destaca, por igual, as aptidões dos índios para ofícios artesanais, como carpinteiros, marceneiros, serralheiros, oleiros. Nas missões jesuíticas tiveram oportunidade de se fazerem tipógrafos, artistas plásticos, músicos e escritores. A função básica da indiada cativa foi, porém, a de mão-de-obra na produção de subsistência. Para isso eram caçados nos matos e engajados, na condição de escravos, índios legalmente livres, mas apropriados por seus senhores através de toda sorte de vivências, licenças e subterfúgios. (RIBEIRO, 1995, p. 99).

Relatos como estes de Darcy Ribeiro são suprimidos dos meios de grande circulação de informação, como escola e livros didáticos. Bino desconhece o passado negro e também o indígena. Em contraponto temos Maria que já tratou de buscar sua ancestralidade, mas não sabe muito sobre as origens negras e na verdade sabe pouquíssimo sobre a sua própria cultura. A menina chega a cair nos equívocos sobre índios (FREIRE, B. 2009, p. 1-23) referentes à cultura congelada, à cultura atrasada, ao referir-se genericamente ao índio, ao fato de o brasileiro não reconhecer-se indígena, além de considerar o índio uma criatura do passado. Os questionamentos levantados por ambos compõem o quadro de uma retomada histórica cultural, trazendo de um lado as memórias da África e de outro do Brasil pré-colonial. O que podemos concluir é que negros e índios que, junto com os brancos, formam o povo brasileiro⁶, têm suas histórias oficiais apagadas da escolarização brasileira. As vanguardas voltam seu olhar para estas e outras questões, que começaram a ser inseridas nas leis e abordadas nas esferas públicas no início século XXI, no Brasil.

5.6 LEIS

A abordagem da autora levanta acontecimentos que estão apagados por quem manuseia a cultura e retoma uma construção histórica da sociedade brasileira, valorizando, conforme Zilberman (2003), dados que envolvem realidade e tradição, e rumo à autonomia estética e à valorização artística. O livro *Do outro lado tem segredos* foi publicado nos anos oitenta do século XX, momento de reabertura econômica, democrática e de retomada cultural para o país que se libertava dos “anos de chumbo”. O livro retrata um quadro que estava expresso na voz da população que estava nas ruas no período. Contudo, este apelo só foi levado a sério pelas

⁶ Ver Darcy Ribeiro. Ribeiro, Darcy. (1995). *O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

autoridades na primeira década dos anos 2000. Leis de inserção da cultura negra no ambiente escolar foram criadas, após muita polêmica. E a cultura indígena, apesar de mais antiga no país, só foi mencionada na lei cinco anos mais tarde.

10. 639 - Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

11.645 - Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (LEI n.º 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003).

Embora haja tais leis, o processo de inserção cultural e reterritorialização das culturas negras e indígenas ainda sofre muito preconceito, pois lidar com as diferenças culturais significa abrir espaço para o não dominante. Compartilhar a cultura do outro é algo que põe em risco a hegemonia de quem lutou para que o poder estivesse sempre onde hoje ainda está.

Entretanto a literatura infantil e não infantil vem fazendo sua parte, muito antes desta tomada de consciência pública da necessidade de inserção dos povos fundadores no currículo. A literatura é arte, mas, acima de tudo, é tomada de consciência, primeiramente de si - leitor - e depois do mundo. Uma vez que estamos conscientes, não há mais volta.

CONCLUSÃO

As obras estudadas refletem um período de retomada da democracia no Brasil, período em que todas as vozes excluídas do país saíram às ruas para conquistar espaços negados historicamente pelas elites brasileiras. A vanguarda da literatura infantil mostra-se presente nesta retomada, inserindo este contexto na produção dos anos oitenta. O recorte que apresentamos neste trabalho traz obras que foram difundidas pelo próprio Ministério da Educação (MEC). Contudo apesar da difusão deste material, que é evidente pelo número de edições (as minhas edições são a 47ª de *Nó na Garganta*, a 9ª de *Raul da ferrugem azul* e a 2ª de *Do outro lado tem segredos*), do registro feito na lei a partir dos anos dois mil, tratando da inclusão da temática indígena e negra nos programas de literatura e língua portuguesa, do resgate cultural realizado pelos movimentos negros e indígenas, ainda levará muito tempo para uma colheita destes frutos, no que se refere à apropriação, ou à reterritorialização das culturas destes povos. O movimento de desvalorização das culturas das minorias, sobretudo a negra e a indígena, é muito longo e intensificado, está arraigado na sociedade, por questões de divisão de espaço e desejo de manter o poder onde ele se encontra.

Nós, professores de língua portuguesa e literatura em formação, observamos em nossas práticas pouco ou nenhum trabalho que aborde as temáticas no que concerne à subjetividade de tais populações, cultura vigente e práticas sociais.

Quando encontramos algum material que mencione negros e índios, esse retoma o momento histórico da colonização, sendo, em geral, abordado como historiográficos. Não há questionamentos, nem a preocupação em distinguir as etnias presentes neste processo. Os negros vindos para o Brasil ainda hoje desconhecem sua origem; os índios tiveram sua história borrada, e na escola o que lhes restou foi o dia do índio. Nossos guaranis, bravos guerreiros, são marginalizados e reduzidos a ocupantes de terras de beira de estrada, mas questionar o processo que os levou a tal redução não está nos diálogos escolares.

Portanto, com o trabalho realizado, conclui-se que o povo brasileiro é composto de todas as etnias que vieram para esta terra e colaboraram para que ela chegasse onde chegou. As etnias que mais trabalharam em prol do processo de desenvolvimento desta civilização são as menos mencionadas na história, quando não apagadas dela. Contudo, estas parcelas da população são

grandes e necessitam de esclarecimentos, que as levem ao conhecimento de sua história e à constituição de suas referências, de modo que a identidade da diversidade não se perca no caminho escolar da homogeneização. Para formar sujeitos críticos, conscientes e responsáveis, precisamos despolarizar a história e para isso a literatura é a ferramenta ideal. Desde crianças, devemos saber que existem diferentes realidades e que todas caminham juntas. A escola tem o dever de atualizar-se e servir a seu povo como instrumento de produção e difusão de conhecimento, e não como porta-voz de uma única verdade doutrinária.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura e literatura infantil e juvenil: congresso de idéias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDPUCRS, 2008, p. 5-6.
- AMARILHA, Marly. *Alice que não foi ao país das maravilhas: A leitura crítica em sala de aula*. Petrópolis, 2006, ED. Vozes.
- AMBRÓSIO, Andréia Nunes, & Ricco, Adriana Sartório (2011). *CENSURA E REPRESSÃO NO REGIME MILITAR: A IMPRENSA CENSURA E REPRESSÃO NO REGIME MILITAR: A IMPRENSA*. Acesso em 12 de 10 de 2015, disponível em <http://revistas.es.estacio.br/index.php/destarte/article/view/12/9>.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 1, 2008 p. 11-24.
- BARABAS, Alícia. M. Multiculturalismo, pluralismo cultural y interculturalidad en el contexto de América Latina: la presencia de los pueblos originarios. 2014 *Configurações on-line*, p. 11-24.
- BARTHES, Roland, A.J.Gremias, Bremond, Claude., Eco, Umberto, Gritti, Jules, Morin, Violette, et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, 2011, Ed. Vozes.
- FREIRE, José Ribamar Bessa *Cinco ideias equivocadas sobre os índios*, CENESCH Rio de Janeiro 2011 p. 1-23.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do Homem. *Ciência e Cultura* Rio de Janeiro 1972, p. 82-90.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro, 2006, Ed. Ouro sobre Azul.
- CAVIGNAC, Julia. Mito e memória na construção da identidade local. *Organon n° 42, vol, 21 Jun-Jul*, 2007, Porto Alegre p. 95-108.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo, 1981 Ed. CORTEZ EDITORA.
- FREITAS, Décio. *Palmares: A guerra dos escravos*. Porto Alegre, 1984 Ed. Mercado Aberto.
- FREITAS, Décio. *O escravismo brasileiro*. Porto Alegre, 1991, Ed. Mercado Aberto.
- FREITAS, Décio. *A comédia Brasileira*. Porto Alegre, 1994, Ed. Sulina.
- GONZAGA, Sergius. *Curso de Literatura brasileira*. Porto Alegre, 2004, Ed. Leitura XXI.
- IBGE. *Território brasileiro e povoamento*. Acesso em 02 de 11 de 2015, disponível em <http://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/historia-indigena/politica-indigenista-do-seculo-xvi-ao-seculo-xx>.

- LAJOLO, Mariza, & Zilberman, Regina. *Literatura infantil Brasileira: Histórias e Histórias*. São Paulo, 1984, Ed. Ática.
- BRASIL. Presidência da república casa civil subchefia para assuntos Jurídicos LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, 9 de janeiro de 2003. Acesso em 12 de 10 de 2015, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm.
- BRASIL. Presidência da república casa civil subchefia para assuntos Jurídicos LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, 10 de março de 2008. Acesso em 15 de novembro de 2015, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm.
- MACHADO, Ana Maria. *Raul da Ferrugem Azul*. Rio de Janeiro, 1979, Ed. Salamandra.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do Laço de Fita*. São Paulo, 1988, Ed. Ática .
- MACHADO, Ana Maria. *Do outro lado tem segredos*. Rio de Janeiro, 2003 Ed. Nova Fronteira.
- MACHADO, Ana Maria *Elefantinho Malcriado*. São Paulo, 2010, Ed. Moderna .
- MACHADO, Ana Maria *Uma arara e os sete papagaios*. São Paulo, 2014 Ed.Salamandra.
- MALACHIAS, Rosangela. *CABELO BOM.CABELO RUIM! COLEÇÃO PERCEPÇÕES DA DIFERENÇA.NEGROS E BRANCOS NA ESCOLA*. São Paulo, 2007, Ed. Ministério da Educação.
- MATORY, J. Lorody. Jeje repensando nações e transnacionalismo. *Mana on-line*, 1999 p. 1-16.
- NOGUEIRA, Carlos. As literaturas orais e marginalizadas. *Organon nº42, vol, 21, Jun-Jul*, Porto Alegre, 2007 p. 17-31.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. A história do sujeito leitor: Uma questão para a leitura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre 1986, p. 45-48.
- OSÓRIO, Letícia. *DIREITO À MORADIA NO BRASIL*. Acesso em 16 de 10 de 2015, disponível em [http://www.fna.org.br/site/uploads/noticias/arquivos/Direito a Moradia no Brasil.pdf](http://www.fna.org.br/site/uploads/noticias/arquivos/Direito_a_Moradia_no_Brasil.pdf).

- PACHECO, Paulo Henrique Silva O ESCRAVO BENEDITINO NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA DO SÉCULO XX. *Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* p. 1-10. Ouro Preto, 2009, Ed. Edufop.
- PEREIRA, Carolina de Freitas. RECRIAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA: A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA HERDEIROS DO BANZO E SUAS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO POLÍTICO-CULTURAL. *RECRIAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA*. Viçosa, MG, 2007,
- PINSKY, Mirna. *Nó na garganta*. São Paulo, 1991 Ed. Atual.
- PIZZOL, Cidilmara. Dal, Pscheidt, Luciane, Moser, D. K., & Machado, M. (s.d.). *História do Penteado: Revisão bibliográfica*. Acesso em 12 de 10 de 2015, disponível em <http://siaibib01.univali.br/pdf/Cidimara%20Dal%E2%80%99Pizzol,%20Luciane%20Pscheidt.pdf>.
- REIS, João. José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. *Tempo, Rio de Janeiro on-line*, vol. 2, n.º. 3, 1996 p. 7-33.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, 1995 Companhia das Letras.
- SANTANA, Tânia. d. O Culto a Santos Católicos e a Escravidão Africana na Bahia Colonial. *Revista Aulas on-line*, 2007, p. 1-24.
- SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. *Caderno Pagu on-line*, 2004, p. 11-44.
- SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Rev. Bras. Educ. On-line*. 2004, n.25, p. 5-17.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Quem é o povo brasileiro*. Rio de Janeiro, 1962, Ed. Civilização Brasileira.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura Brasileira*. São Paulo, 1962, Ed. DIFEL
- SOUZA, Manuel Nascimento, & Barbosa, Erivaldo Moreira. (s.d.). *Direitos indígenas fundamentais e sua tutela na ordem jurídica brasileira*. Acesso em 02 de 11 de 2015, disponível em http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8978&revista_caderno=9.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo, 2003 Ed. Global.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. *Alea: Estudos Neolatinos* v.10 n° 1, 2008, p. 85-97.